

AARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

Publicação quinzenal de musica e theatros LISBOA

MOOTCY

Só não tem cabello nem barba quem quer!!



Fazemos nascer cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias.

O preço para o MOOTCY é de 2\$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente).

Mootcy Depôt Ditmar Koelstr, 3, Hamburgo, 164.

Deposito em Lisboa:

Ferreira & Ferreira Succes. — 99, Rua da Prata, 101

DISLOVIAER

Publicação quinzenal de musica e theatros LISBOA

Augusto d'Aquino

Rua dos Correciros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen. Ásiahaus

Hamburgo, 8

Anvers - Joseph Spiero - 51, rue Waghemakere Havre - Langstaff, Ehrenberg & Pollak - 67, Grand Quai AGENTES EM .. Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings E.C. Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Date Street. New-York - Joseph Spiero - 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CABLASSEN — LISBOA



FABRICA DE PIANOS-STUTTGART

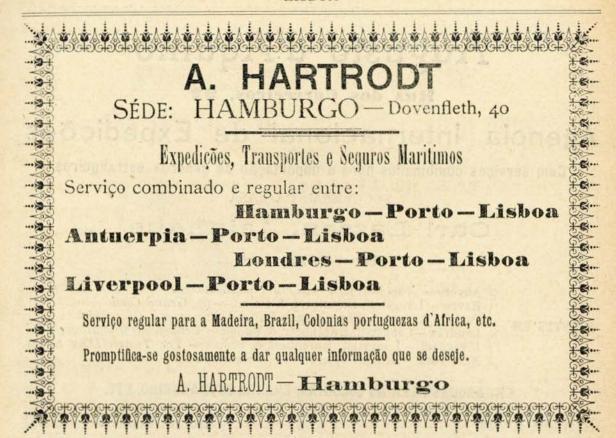
A casa CARL HARDT, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o systema americano.

Os pianos de CARL HARDT, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa CARL HARDT, obteve recompensas nas seguintes exposições: -Londres, 1862 (diploma d'honra); Paris, 1867; Vienna, 1873 (medalha de progresso, a maior distincção concedida); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na CASA LAMBER-TINI, representante de CARL HARDT, em Portugal.

Publicação quinzenal de musica e theatros LISBOA



LAMBERTIMI

Pianos das principaes fabricas: Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como: Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Peçam-se os catalogos

PRAÇA DOS RESTAURADORES



Redacção e admnistração: P. Restauradores, 43 a 49—Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — Rameau — A Arte Grega — Notas Vagas — Concurso de Musica Portugueza — Carta das Caldas — Noticiario — Necrologia.

Rameau

Dijon orgulha se de ser a cidade onde nasceu o maior musico francez do seculo xviii.

Ha anos celebráram-se pomposas festas á memoria do genial compositôr, sendo inaugurada nessa ocasião uma estátua, obra do ilustre artista Guillaume.

João Filipe Rameau nasceu a 25 de setembro de 1683. Seu pai, que éra organista, ensinou-lhe as primeiras noções de musica, sem pensar que seu filho seguiria a carreira musical, pois êle próprio conhecia as dificuldades e as amarguras da mêsma. Destináva-o á magistratura.

A sua educação literária foi confiada aos jesuitas que bem depressa se certificáram que

Rameau não tinha nenhum geito para o grêgo nem para o latim.

Os seus cadernos estávam cheios de notas, mas notas . . de musica.

Além disso, tinha um carater tão indisci-

plinado que d'aí a algum tempo foi entregue á familia.

O preguiçõso discipulo depois que saíu do colégio nunca mais abriu livros senão os que disiam respeito á sua arte predileta, abandonando até a sua própria educação literária, aperfeiçoando-se depois graças a um amôr

que têve por uma visinha, uma joven e encantadôra viuva a quem tinha que escrevêr cartas apaixonadas, mas sem êrros de estilo e de ortografia...

Os seus amôres não éram do agrado do pai e por isso queren do acabálos, experimentou as viagens para vêr se se esquecia da viuvinha.

Mandou João Filipe para a Italia, mas pouco tempo lá estêve. Depois de têr feito com outros musicos uma digressão artistica pelo Meio-Dia da França — pois éra já então um bom violinista e cravista — regressou á cidade natal que lhe ofe-

receu o logar de organista na Santa-Capela. Mais tarde, no ano de 1717, está de nôvo em Paris, ainda desconhecido e já com trinta e quatro anos: a glória fasia-se esperar. Depois de se vêr preferido por um musico sem



valôr, num concurso para organista de Saint-Etienne de Lille, Rameau desgostou-se bastante. Mas d'aí a pouco tempo foi chamado para substituir seu irmão como organista na catedral de Clermont-Ferrand

Foi aqui que Rameau compôz o célebre Tratado de Armonia que colocou o seu nôme em evidencia. Mas não éra bastante têr escrito esta obra. Êra preciso publicá-la. Rameau pensou em deixar o logar de organista o que não éra muito facil, pois éra muito admirado e tinha um contrato por bastante tempo e os cónegos da catedral não queriam ouvir falar em anulação.

Rameau, desesperado, começou a tirar do orgão uns sons tão ásperos e desagradaveis, que as musicas que até então os encantávam, principiáram a aborrecê-los imensamente. Rameau triunfou com o seu pretêxto e voltando a Paris publicou o livro que foi acolhido entusiásticamente pêla crítica, ao mêsmo tempo que se assinaláva a sua reputação de artista, publicando algumas cantatas e sonatas para o cravo.

Ofereceram lhe então o logar de organista na igrêja Saint-Croix-de-la Bretonnerie, para vêr se Rameau tomáva uma vida mais regular para compôr á sua vontade e socegádamente.

O primeiro colaboradôr de Rameau, no teatro, foi um rapaz, natural de Bourgogne, chamado Piron, que lhe confiáva a musica para diversas comédias que escrevia para a feira de Saint-Germain. Cômo se vê, não éra êste um dos melhores meios para Rameau se evidenciar como compositôr.

Entretanto publicou diversas obras de teo ria musical, obras que lhe asseguráram mais a sua reputação, o que lhe valeu para sêr chamado como professôr de algumas casas ricas.

Devido a uma das suas alunas, M.º de la Popelinière, espôsa do general do mêsmo apelido, Rameau conseguiu finalmente fasêr ouvir a sua primeira grande obra: uma ópera bíblica intitulada Samson, libretto de Voltaire. Infelizmente a ópera não poude sêr rerepresentada no teatro porque o enrêdo tinha sido tirado dos santos livros. Rameau tinha perto de 50 anos. A proteção de M.º de la Popelinière forneceu-lhe ainda ensejo de se tornar mais conhecido e desta vêz nenhuma coisa prejudicou o seu triunfo. Rameau tinha obtido, não sem dificuldade, um libretto dum escritôr que estava em moda, o abade Pellepin. Hippolyte et Aricie foi representada na Academia Real de Musica, no dia 1 de outubro de 1733.

E' dêsde esta data que Rameau principia a vivêr no meio de successivos triunfos e

aplausos.

O numero das óperas de Rameau é bas-

tante consideravel. Entre outras citamos as seguintes: Les Indes galantes, Castor et Pollux, Dardanus, Zoroastre, etc.

E' o suficiente para dar uma ideia da sua prodigiosa fecundidade e da sua extraordinária atividade, o saber-se que Rameau compôz 36 obras dramáticas e uma dusia de volumes sôbre a teoria da musica, entre 1733 e 1760, isto é, em mênos de 30 anos, dêsde os 50 até aos 77.

«Esta enérgica vitalidade, diz um dos seus biógrafos, Felix Clément, que conservou num côrpo de aspéto franzino e debil, deve a o artista á sobriedade e á moderação de que fêz sempre uma lei. Acusáram no muitas vêses de avarento se bem que ajudou com a sua bôlsa o compositôr Dauvergne e o organista Dalbâtre, tendo dado tambem por muito tempo uma mensalidade á sua irman doente. O que deu logar a esta censura foi o caso que se passou com Luiz XV que lhe tinha concedido uns titulos de nobrêsa para o podêr agraciar depois com a ordem de Saint-Michel. Rameau recusou, alegando as despêsas oficiais que tinha a pagar. Todavia a consciencia do seu valôr e a pouca ambição que tinha por estas honras fôram talvêz as causas da recusa e não a apreensão da des-

«A minha nobrêsa está aqui e aqui», respondeu Rameau apontanto a fronte e o coração.»

Rameau foi sempre um homem honrado o que é muito raro — um pouco taciturno, o que lhe causou alguns inimigos, mas têve por fim a estima geral.

Faleceu com mais de 80 annos, a 12 de setembro de 1764. Fiséram-lhe grandes exéquias na igrêja de Saint-Eustache.

Cômo compositôr dramático é um dos maiores génios que a França tem tido.

CARLOS CILIA DE LEMOS.



E' talvez opportuno o momento para se estudar a questão da musica antiga dos gregos, sob o seguinte ponto de vista: — Pódem obter-se com os meios da arte moderna os

effeitos que suppômos derivassem das series diatonicas que constituiam os modos gre-

gos? (1)

Digo suppômos porque se deve sempre abstrahir do acompanhamento da melodia dos Gregos, constituido por sons mais agudos que a propria melodia e formado d'intervallos que não são bem aceites pelo nosso sentimento esthetico; um tal conjuncto, realisando um absoluto contraste com o systema harmonico da musica moderna, torna-se incomprehensivel para nós.

Refiro me apenas ás series diatonicas porque as chromaticas gregas eram baseadas em principios differentes dos que regem a nossa gamma, eliminando dois sons diatonicos em favor dos chromaticos; quanto ás enharmonicas, na subtileza com que eram ordenadas, escapam hoje á justa apreciação do seu em-

prego.

Supponhamos portanto que se obtivessem effeitos maravilhosos nos diversos *ambitos* preparados pelos modos gregos e não pensemos em que, se n'elles predominam sons diversos que caracterisam a melodia, para nós

que nos reportamos sempre ao principio da tonalidade, qualquer melodia, de qualquer modo, soará sempre aos nossos ouvidos na escala que apresenta as successões regulares a que estamos habituados, isto é, na escala typica de $d\delta$, ainda que comece e termine em qualquer dos graus da mesma.

Para relevar a differença essencial da theoria antiga notemos que para os gregos o modo typico, de que todos os outros derivavam, era o *dorio*, correspondente aos sons:

mi, re, dó, si, lá, sol, fá, mi.

Depois da transformação por que passaram os modos gregos quando, adaptados ao cantochão, acabaram por dar origem aos modos maior e menor, pela simples razão de que alguns (lydio, hypolydio, hypophrygio) tinham maior o terceiro grau, e outros (phrygio, dorio, hypodorio e mixolydio) tinham o menor, e que em todos, impondo-se com a harmonia o sentimento da tonalidade, o 7.º grau ascendente tende a resolver-se sobre o 8.º na relação de 3.ª maior sobre a 5.ª (ou seja de 7.ª maior sobre a tonica), depois de tal transformação podia perfeitamente surgir a du-

(1) O quadro seguinte pode resolver qualquer confusão sobre o nome dos antigos modos.

Escala de	Denominações gregas	Denominações do canto ecclesiastico	Denomina- ções de Glareanus	Denomina- ções d'Helmoltz	Equivalentes á escala de
DÓ	Lydio	Hypolydio (Tritos plagale)	Jonico	Modo maior	Dó maior
RÉ	Phrygio	Dorio (Protos autentico) Hypomixolydio (Tetartos plagale)	Dorio	Modo de 7.ª menor	Dó com 2 bemoes na clave
MI	Dorio	Phrygio (Deuteros autentico)	Phrygio	Modo de 6.ª menor	Dó com 4 bemoes na clave
FÁ	Hypolydio ou Sintonolydio	Lydio (Tritos autentico)		Modo de 5.*	Dó com i sustenido na clave
SOL	Hypophrygio ou Jonico	Mixolydio (Tetartos autentico)	Mixolydio	Modo de 4.ª	Dó com 1 bemol na clave
LÁ	Hypodorio, Eolio ou Locridio	Hypodorio (Protos plagale)	Eolio	Modo de 3 ª menor ou Modo menor	Dó com 3 bemoes na clave
SI	Mixolydio	Hypophrygio (Deuteros plagale)		Modo de 2.ª menor	Dó com 5 bemoes na clave

vida de que a arte grega, posta em confronto com a moderna segundo os principios em que esta se baseia, possuisse meios d'expressão mais variados e mais efficazes.

Não é essa comtudo a minha ideia; creio pelo contrario que a musica moderna possue, nas alterações chromaticas da sua escala, palheta mais rica que a que resultava das relações variaveis dos tons nas series gregas, ainda que se considere como tonica o pri-

meiro grau das mesmas.

De facto a harmonia moderna consente o uso da 2.ª e 6.ª menores, como nas escalas gregas, e tem a base da modulação no emprego da 7.ª menor, que é tambem grau descendente da escala menor, á semelhança dos modos phrygio, dorio, hypophrygio, hypodorio e mixolidio.

Contém porém este ultimo um intervallo a quinta diminuta— que não se encontra nas escalas modernas em relação com a tonica, tendo-o comtudo n'outros graus (no septimo por exemplo) e ha em compensação novas notas chromaticas que dão energia especial a algum dos nossos accordes, mercê da quarta, quinta e sexta augmentadas.

Em verdade é preciso reconhecer que, sob o ponto de vista da melodia, a arte grega utilisando ambitos diversos, dentro dos quaes se accentuam diversas sonoridades, podia attingir uma delicadeza de tintas e de cambiantes, de que nós não sabemos dispôr e talvez

nem possamos comprehender.

Mas nem tudo se subtrae á nossa imaginação; assim, por exemplo, chegaremos a figurar um canto no modo hypophrygio (escala de sol) com um seguimento de sons que se mantenham sempre em torno da dominante sem nunca resolver para a tonica - e um canto no modo hypolydio (escala de fa) darnos-hia a impressão de uma tessitura melodica tendente á quinta. Não esqueçamos tambem que o lydio é o nosso modo maior, que o phrygio, o dorio e o hypodorio são pouco mais ou menos semelhantes ao modo menor, com forte intensidade de caracter no ultimo e que o mixolydio nos produz o effeito, accentuadamente triste, de um possivel modo menor com a 2.ª e a 5.ª menores.

Mas é sempre sophisma confrontar o resultado de uma transformação essencial, creada por um factor novo (a harmonia moderna), com o longiquo principio que lhe deu origem; é preferivel observar, para patentear o destaque existente entre a arte grega e a moderna, que se hoje quizessemos harmonisar um canto em modo mixolydio, devia pôrse no primeiro grau da escala que o caracterisa o accorde de 3-6, destruindo assim a tonalidade que theoricamente lhe attribuimos, para dar logar a outra.

Parece-me poder concluir que os meios hodiernos da arte musical não só consentem todos os effeitos que podemos entrevêr na musica grega, mas permittem-nos além d'isso os modos hypolydio e hypophrygio, de sabôr tão especial e que os alaúdistas do seculo xvi empregaram, apezar de não secundados pelos seculos seguintes, em que o esforço era exclusivamente dirigido no sentido da definitiva adopção dos nossos actuaes modos.

Esses dois modos gregos, empregados cum grano salis, concorreriam talvez para juntar força e variedade d'expressão a uma arte, que póde parecer exhausta pela tendencia da hora actual para a extranheza e obscu-

rantismo.

1908

DOTT. OSCAR CHILESOTTI.



CARTAS A UMA SENHORA

119.

De Lisboa

Continuando.

Aqui tenho agora esta linda e suggestiva quadra com que abre o Pão e as Rosas de Affonso Lopes-Vieira:

Homem que passas, sombra de tristeza, lavrador da roseira e da seara: colhe na terra da tua alma clara pão de Bondade, rosas de Belleza.

O encantador e precioso livro que assim começa é bem a obra de um poeta de raiz, que visceralmente sentirá as coisas por um modo diverso d'aquelle por que a maioria as sente...

Mas o que são Poetas?

Poetas são creaturas que ficam com olhos de creança, disse o subtil Daudet; no emtanto com o respeito devido, talvez antes podesse dizer-se que são creaturas que nasceram com olhos d'uma visão differente: visão mais profunda e mais extensa, mais fulgurante e mais completa. Não só como creanças nos fitam ou como velhos nos prescrutam, pois dir-se-hia que, ao menos por instantes, elles

adquirem a penetração ideal da propria luz na essencia, e a hypersthesia illimitada de toda a gama do sentimento e da razão, em ser...

E' claro que nem todos, lá porque fazemos versos, merecemos esse nome, e quasi poderia aventar-se que, em determinados casos, precisamente porque fazemos versos é que em verdade poetas não somos — nem seremos.

Foi assim, e assim sempre será. Affonso Lopes-Vieira pertence, porém, ao numero dos raros que de nascença vieram com esse geito, e escrevendo, quer rime quer não, da mesma maneira que falando ou pensando, elle surgir nos ha amorosamente ungido pelo beijo astral da Poesia pura, e a linguagem em que se nos dirigir nunca deixará de ter á nossa vista o vivido fulgor que só a emoção transmitte e só a sensibilidade cria.

Todos notaram isso no seu Ar livre, todos voltámos a notal-o no Pão e as Rosas. Prova o logo aquella pagina de entrada em que o auctor regista que

chora profundo em nós o vasto mundo;

depois essa transcendente *Lei da vida* onde se lêem quadras como esta

(Rockfeller, chorando sobre um cofre)

Emquanto quiz amontoei meu oiro, que rola e alastra, é rio, é onda e açude: ai! quem me dá—por todo o meu tesoiro um bocadinho de saude?...

e até a doce Canção das tres gottas de agua, e as Bolas de sabão

> ... corpos cuja alma vaporosa apenas é um sôpro de creança

e onde

... n'um deslumbramento canta, perpassa, brilha á claridade esse abismo infinito d'um momento: um pouco de Eternidade.

Mas se quizessemos mais exemplos tinhamos esse por mais de um titulo delicioso trecho *Ultimos dias do Papa*, tocado a um tempo d'uma doce ironia risonha e d'uma erudita visionação d'almas, as *Saudades do* mar, o *Luar e o sol*, e muitas outras.

Poderia citar-lhe ainda As velhas imagens,

ou a Canção do linho

Não pretendo porém antepôr as minhas impressões ás suas, querida amiga, e porque de antemão sei ter destinado ao Pão e as Rosas um dos mais appetecidos logares na es-

tante dos seus poetas, limitar-me-hei a citar ao acaso, mais algumas notas esparsas d'esse livro.

Por exemplo, leio enternecido esta quadra:

O musgo é suave e é terno, tem a macieza das lans; e ás grandes rugas do Inverno dá a doçura das cans...

e esta consagrada ao immortal Beethoven:

Na alma heroica do músico ecoando, falou tudo que é mudo e elle intendia: Divino surdo, que ouviu Deus falando, Prometheu sobre o monte da Harmonia.

e julgo um primor de simplicidade e de frescura, toda essa serie de impressões sobre S. Francisco de Assis, levemente notuladas e transcriptas n'uma lingua clara e dôce, e com as quaes o livro fecha.

Ainda poderia discretear sobre o Raio do Sol, o Beijo do meio-dia, a morte das paisagens, mas não se me afigura preciso.

De certo gostaria de o fazer, porque sempre me foi grato encher o espirito com o divino clarão que a poesia em tudo põe, pois quando ella nos abandona, o mundo apparece-nos arido e banal,

«e fica em todos a melancolia que deixa toda a luz que se apagou.»

para me servir de duas linhas do proprio Affonso Lopes-Vieira.

Infelizmente, é mister resumir-me, já que, mal de mim, não consegui condensar em lapidares palavras o que para aqui fui deixando escorrer ao sabor da penna.

Resta-me concluir.

O que penso então do *Pão e as Rosas* ? perguntará V. Ex.ª.

Penso que fere na poetica portugueza d'estes tempos uma nota nova ou pelo menos pouco vibrada, apezar de arrancada a cordas antigas e que o seu auctor, como o auctor da Alma errante, não são lyricos meramente egocentricos contando-nos de passagem apenas aquellas coisas que pessoalmente os magoaram ou excepcionalmente os fizeram sentir.

O seu subjectivismo tem-me ares de ser muito objectivo, se me é permittido o paradoxo e licita a contradiçção.

Quero dizer que um e outro d'estes verdadeiros poetas possuem da existencia e do mundo uma comprehensão mais vasta e mais profunda do que o geral dos seus irmãos que modernamente veem synthetisando na linguagem do verso a especial noção que da vida receberam, e que fitando o espectaculo unico que as almas e as idéas, os factos e os seres a olhos terrenos agora mostram, d'elle tiram mais do que simples effeitos de côr ou de som, de rythmo ou de estylo, e humanamente aspiram a deixar em cada um de nós um pouco mais de luz, um pouco mais de amor...

Os processos a que cada qual recorre são differentes ou oppostos? Não o contestarei; mas, taes quaes são, quero crer que ambos confluem e se encontram n'esse grande e nobre rio do Ideal, que hoje mais do que nunca, terá de refrescar as seccas e esterilisadas margens por sobre as quaes, inconsciente e sceptica, ou egoista e cynica, uma parte da humanidade vae seguindo, sem se deter sequer a contemplar os fulvos astros que no ceu lucilam...

Essa é por isso a missão de alguns que no mundo vivem, desferindo cantos, harmonisando rimas...

Pelo que pela minha parte os bemdigo.

Ah! minha amiga, é que em meio de tanta tristeza e de tanta escuridão, como as que de todos os lados ameaçam subverter-nos, não poderia esquecer-se a Poesia, supremo refugio immaculado, unico que nos resta onde inda será permittido sonhar, embora sem deixar de soffrer...

AFFONSO VARGAS.



Tem encontrado uma decidida e excepcional sympathia este projecto, e não só os amadores de musica, como ainda muitos musicos profissionaes se têm espontaneamente associado á sua realisação, enviando donativos ou por qualquer modo appoiando a sympathica iniciativa da Sociedade de Musica de Camara.

Podemos até affirmar, sem receio d'exagero, que esta tentativa de vulgarisação de musica portugueza, a primeira que n'estas bases se tem effectuado entre nós, terá um exito muito superior ás nossas previsões e sobretudo á hesitante espectativa dos habituaes incredulos e desanimados.

Ainda bem. Quando o Concurso apenas servisse para estimular passageiramente os poucos que em Portugal escrevem musica, já haveria alguma cousa de ganho; mas temos esperança de que, na nobre emulação dos nossos primeiros musicos, que já nos consta

pretendem concorrer a este certamen, e no advento de alguns compositores ainda desconhecidos, se dará um passo bem largo no desenvolvimento da nossa arte, abrindo ao mesmo tempo caminho para ulteriores provas, de mais decidido e vasto alcance.

O publico, ou pelo menos, a parte do publico que se interessa pelas cousas d'arte, assim o tem comprehendido por certo, a cal cular pela expontaneidade com que aqui nos teem vindo entregar donativos. Tudo nos leva a crêr portanto que a importancia dos tres premios pecuniarios excederá, e talvez bastante, a verba que havia sido primitivamente estatuida; essa é sem duvida a prova mais concludente e pratica do interesse que tem despertado o Concurso de Musica Portugueza.

Por absoluta falta de espaço não começamos hoje a publicação da lista dos doadores; irá no proximo numero.

Recordamos comtudo aos interessados que o objecto do concurso é: — 1.º Um quarteto para instrumentos d'arco; 2.º Uma sonata para violino e piano; 3.º Um quarteto para piano e arcos, podendo cada um dos compositores concorrer com uma só d'essas obras ou com mais, mas sempre anonymamente.

Os trabalhos teem de ser apresentados na séde da Sociedade de Musica de Camara, até 31 de dezembro do corrente, sendo examinados e ouvidos por um jury de 18 membros.

Haverá premios pecuniarios e menções honrosas, sendo as tres obras melhor classificadas objecto de um concerto especial da sociedade

Prestamos gostosamente n'esta redacção quaesquer outros promenores sobre a organisação do Concurso.



Meu caro amigo Lambertini:

Desculpe em primeiro logar ir roubar-lhe um pequeno espaço na sua *revista*, mas então que quer? são d'essas tentações em que somos arrastados, e quando são d'estas, ainda nos poderemos considerar felizes.

Agora a moda é sahir as fronteiras do nosso

paiz, uns por elegancia, outros para mostrarem ao proximo que possuem fortuna, não contando com aquelles que deixam de apparecer pelas ruas da Baixa e clubs, mettendose em suas casas, a fingirem que foram para o campo. São fraquezas do proximo de que não nos devemos rir, mas sim ter pena.

Pois eu, meu caro amigo, aqui me encontro ha dias nas Caldas, que era antigamente o ponto d'aguas elegante; hoje pobre terra, entregue á mais vil incuria, é a povoação onde nos sentimos mais massados; todos por cá teem o aspecto de degradados que andam a cumprir a sentença o mais breve possivel para se safarem immediatamente.

Mas a terra não tem culpa, porque possue elementos para ser umas thermas de primeira ordem. A tres horas de Lisboa, é uma localidade com lindos parques, e o centro para se darem magnificos passios á Foz do Arelho e lagôa d'Obidos, Alcobaça, Batalha, Rio Maior, etc. Mas presentemente está em abandono, os parques mal cuidados, divertimentos rarissimos, e a maldita politica mettida em todas as iniciativas, o que as faz ficar em embryão.

O que salva um pouco esta vida monotona são os concertos da Banda da Guarda Municipal, sob a habil regencia do maestro Taborda, e este anno os concertos no club do quintetto hespanhol, e diga se a verdade, embora eu não esteja de accordo na vinda de artistas estrangeiros, o grupo artistico possue elementos de valor; apresentam-se bem vestidos, e a respeito de educação pódem dar lições a muitos socios do club; os programas são cuidados, apparecendo auctores de todas as escolas.

Mas, eu desde que vim para aqui não foi decerto para passar a vida a ver as mesmas caras que vejo constantemente em Lisboa, na Rua do Ouro e nos theatros, mas sim para gozar do campo, do verdadeiro campo, longe de todo este meio da capital que sempre enoja mais ou menos. Para isso abandono a villa e embrenho me pelos atalhos e azinhagas para respirar o ar puro do campo, e assim ouvir de perto o cantar das nascentes que brotam as aguas transparentes dos riachos. Assim gozando a natureza em toda a sua grandeza, vou-me dedicando á leitura de obras que me fallem de arte em todas as suas manifestações.

Foi por uma manhã d'estas passadas, que ao mesmo tempo que lia o ultimo numero da Arte Musical que o correio da vespera me trouxera e que ia estudando a ultima obra de Ricciotto Canudo L'Homme, deparei na revista de V. Ex.ª a conclusão de um artigo chamado Drama Musical, traducção de parte d'um capitulo do livro de Canudo. Ora eu que tinha ficado encantado com a leitura do

livro, no meu intimo fiquei satisfeito que em uma revista portugueza apparecesse um trecho, embora incompleto, da obra do grande critico d'arte, Canudo. E digo incompleto, porque a traducção termina exactamente em um dos pontos mais interessantes quando o auctor trata de Dvorak, Grieg, e sobre tudo de Debussy!

Todavia, já essa pequena amostra de panno deu ensejo para que os leitores da Arte Musical podessem avaliar o valor da obra.

Quando chegará uma epocha feliz que valha a pena traduzir obras d'este genero? Estou certo que tarde chegará, porque infeiizmente ao passo que as senhoras se entretêm a gastarem a vista em pessimos romances que o mercado francez nos inpinge, os homens gastam o tempo nas leituras de obras pornographicas e adoram o Fado cantado nos alcoices, por vozes avinhadas. Talvez muitos dos meus leitores achem demasiado cruas estas minhas palavras, mas fallo no geral, porque, se o meio em que vivemos fosse todo assim, era coisa para fugirmos logo de Portugal!

Mas agora reparo que a penna foi deslisando de mais e que o bater das tres horas da noite me veiu avisar que devo pêr ponto final.

Mais uma vez lhe agradeço e creia na amizade

Caldas da Rainha, 20-8-908.

Do seu verdadeiro amigo

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

P. S. — Não quero deixar de lhe fallar em duas tardes deliciosas que passei no salão do club, a ouvir cantar a distincta amadora Madame Kendall, que em varias romanças, causou verdadeiro delirio.



PORTUGAL

Parte a 9 de setembro para Paris o conceituado professor sr. Joaquim A. Martins Junior, contractado pela Companhia Franceza do Gramophone, para ali realisar varias sessões de cornetim. Martins Junior é director artistico da mesma Companhia em Portugal.

O primeiro decifrador da charada publicada ultimamente foi o sr. Manuel da Motta Cardoso, a quem entregamos o annunciado brinde.

A decifração é Soldo.

No Asylo Feleciano de Castilho fizeram este anno exame de rudimentos de musica e violino oito dos alumnos cegos d'este benemerito estabelecimento.

O jury foi constituido pelos srs. Ernesto Vieira, Julio Cardona, Eduardo Ferreira, D. Luiza Campos, Agostinho Franco, D. Cecilia Cotinelli e João Braz, estes dois ultimos professores do mesmo asylo.

As provas foram feitas conforme os cursos adoptados no Conservatorio, apresentandose distinctamente a maioria dos examinandos.

No salão do Hotel de Mattosinhos, teem dado sessões musicaes os srs. Manuel Pinto de Figueiredo (piano), Alberto Pimenta (violino) e Henrique Perez (violoncello).

O Grande Club de Lisboa deve inaugurar na proxima epoca d'inverno a sua nova séde, na rua de S. José, antigo palacio Magalhães.

Consta que se organisarão ali alguns concertos d'amadores.

ESTRANGEIRO

Na Opera Comica as peças novas que se darão este anno são as seguintes: — Solange de Gaston Salvayre, Leona de Samuel Rousseau, Sanga de Lara, Myrtil de Garnier, Chiquito de J. Nougués, Pierre le Véridique de Xavier Leroux e On ne badine pas avec l'amour de Gabriel Pierné.

A epoca começa em 1 de setembro n'este theatro.

Como se sabe, é antiga tradição em Bayreuth que os artistas nunca venham agradecer ao proscenio os applausos com que o publico os gratifica, por muito calorosos que esses applausos pareçam. Ha até a proposito d'isso anedoctas que mostram quantas diligencias, nem sempre amaveis, empregou Ricardo Wagner para evitar no recinto sagrado as demonstrações ruidosas do publico.

Agora, porém, na ultima representação

d'esta epoca, com o *Lohengrin*, foi o proprio Siegfried Wagner quem rompeu a tradição, vindo agradecer, *sósinho*, os applausos devéras enthusiasticos com que o publico saudou o final do ultimo acto.

E como o homemsinho se não fez acompanhar pelos principaes interpretes, nem tão pouco ainda consentiu que os brilhantes directores Richter e Muck beneficiassem tambem d'essa pequenina satisfação d'amor-proprio, os jornaes entreteem-se a... morder.

E a proposito de Bayreuth, já podemos annunciar que só em 1910 se repetirão as festas wagnerianas.

Parece que já está até resolvido que as peças escolhidas serão o Parsifal, os Niebelungen e os Mestres Cantores.



Falleceu a 10, em Peniche, o sr. Francisco Renta, distincto musico d'aquella localidade, e em Villa Franca de Xira, os srs. José Antonio da Silva Vidal e Antonio Armando da Silva amadores de violino.

Tambem falleceram os meninos Raymundo de Macedo e Vasco Neuparth, respectivamente filhos dos professores Raymundo de Macedo (Porto) e Julio Neuparth.

Damos os sentimentos aos desolados paes.

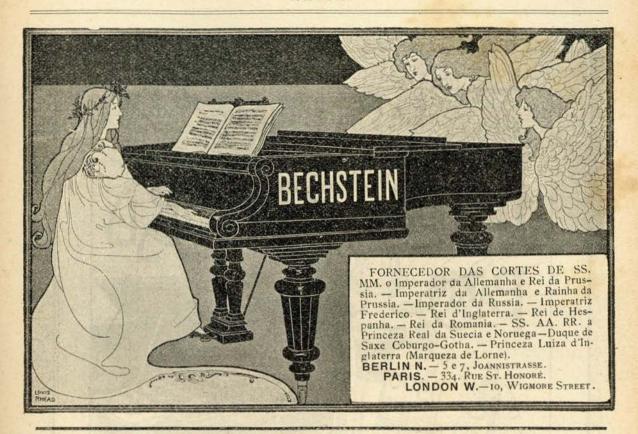
Victima de um desastre d'automovel, morreu em 15 d'este mez o compositor francez Louis Landry.

Tendo nascido em Neuilly em I de janeiro de 1867, fez todos os seus estudos no Conservatorio de Paris, obtendo aos 10 annos a primeira medalha de solfejo e cursando, com especial distincção, as aulas de piano, acompanhamento, orgão, contraponto e fuga. N'estas ultimas especialidades conquistou em 1887 um segundo premio.

De temperamento calmo e simples, pouco talhado para a lucta, abandonou a classe de composição de Massenet e entrou como mestre de capella em S. Roque e como chefe de canto na Opera Comica.

Era ultimamente director d'orchestra n'este theatro.

Publicação quinzenal de musica e theatros





LAMBERTINI

REPRESENTANTE

E

Unico depositario

DOS

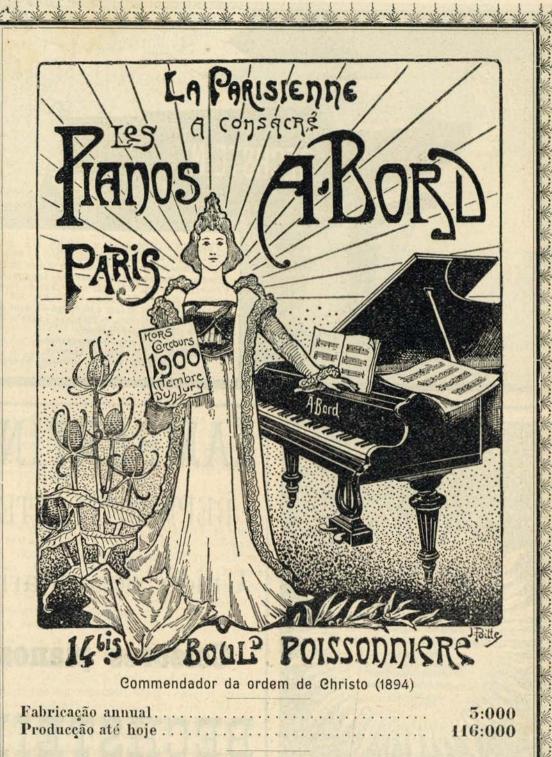
Celebres pianos

DE

BECHSTEIN

Praça dos Restauradores

Publicação quinzenal de musica e theatros LISBOA



Exposição Universal de Paris (1900) Membro do Jury — Hors concours

Publicação quinzenal de musica e theatros LISBOA



LAMBERTINI

Representante dos Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi, Peters, Breitkopf, Litolff, Steingräber, etc.

Partituras de Operas

Antigas e modernas para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Peçam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

Especialidade em cordas italianas para violino, violoncello, contrabaixo, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Meinz, professora de piano, Rua de S. Bento, 56, 1.º E. Alexandre Oliveira, professor de bandolim, Rua da Fé. 48, 2.º Alexandre Rey Colaco, professor de piano, R. N. de S. Francisco de Paula, 48 Alfredo Mantua, professor de bandolim, Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º Antonio Soller, professor de piano, Rua Malmerendas, 32, PORTO. Alfredo Napoleão, professor de piano, T. Nova de S. Domingos, 34, 1º Candida Cilia, professora de musica, piano e harmonium, L. de S.ta Barbara, 51, 5.º D Carlos Goncalves, professor de piano, R. da Penha de França, 23, 4.º Carolina Palhares, professora de canto, C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E. Eduardo Nicolai, professor de violino, informa-se na casa LAMBERTINI. Elisabeth Von Stein, professora de violoncello, R. S. Sebastião, q, 2.º Ermesto Vicira. Rua de Santa Martha, 232, A. Francisco Bahia, professor de piano, R. Luiz de Camões, 71. Francisco Beneto. professor de violino, Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D. Guilhermina Callado, prof. de piano e bandolim, R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D Joaquim A. Martins Junior. professor de cornetim, R. das Salgadeiras, 48, 1.º Joaquim F. Ferreira da Silva. prof. de violino, Rua José Estevão, 50, 3.º, E. José Henrique dos Santos, prof. de violoncello, T. do Moinho de Vento, 17, 2.º Julieta Hirsch Penha, profes.º de canto, Travessa Santa Quiteria, 17, 3.º Léon Jamet, professor de piano, orgão e canto, Travessa de S. Marçal, 44, 2.º Lucila Moreira, professora de musica e piano, Avenida da Liberdade, 212, 4.º D. M. . . . Sanguinetti, professora de canto, Largo do Conde Barão, GI, 4.º Manuel Gomes, professor de bandolim e guitarra, Rua das Atafonas, 31, 3.º Marcos Garin, professor de piano, C. da Estrella, 20, 3.º Maria Margarida Franco, professora de piano, Rua Formosa, 17, 1.º Philomena Rocha, professora de piano, Rua D. Carlos I, 144, 3.º, D. Rodrigo da Fonseca, professor de piano e harpa, Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.

